

REALIDADE SONORA: MÚSICAS EM SINTONIA COM A EDUCAÇÃO

ALLAN PHABLO DE QUEIROZ

Graduado em Ciências Sociais (UERN), Administração de Empresa (UNP), Estudante de Pedagogia (UERN), membro do Grupo de Pesquisa do Pensamento Complexo GECOM/UERN.
E-mail: allan_shalom@hotmail.com

PEDRO AUGUSTO DE QUEIROZ

Graduando em Ciências Sociais (UERN), Membro do Grupo de Pesquisa do Pensamento Complexo – GECOM/UERN. E-mail: p.f.2008@hotmail.com

Introdução

Na profusão de ritmos que invadiu a metodologia dos ensinamentos fundamental e médio e as salas de aula nestes últimos quarenta anos, nunca se discutiu tanto como hoje a questão da motivação do uso da música popular brasileira para ministrar conhecimentos como hoje. O magistério se utiliza de letras que possam repassar aos alunos a maior quantidade de conhecimento social e moral. Em sua maioria, as canções da MPB utilizadas em sala de aula carregam uma letra social ou uma letra que transmita uma mensagem histórica mundial ou brasileira. Este estudo tem por objetivo investigar por meio de análise teórica, duas letras de música que sejam trabalhadas em sala de aula, de modo a investigar o seu poder social dentro do contexto da sala de aula e uma que só é trabalhada no ensino superior, mas que merecia, segundo os parâmetros que utilizamos para tal fim, estar na lista das canções trabalhadas no ensino médio. A primeira é uma canção que já é tradicional para muitos pedagogos, a canção “Cidadão”, que desde que foi composta já se encarnou na voz de vários artistas de renome, tratando-se de uma das mais icônicas mensagens da *MPB clássica*, remontando ao tempo do presidente Juscelino Kubitschek, que foi quem sonhou levantar a cidade de Brasília, sob a ajuda de uma região esquecida do Brasil.

A segunda pertence a uma banda que interceptou todas as barreiras da MPB para se tornar o fenômeno do rock brasileiro, a Legião Urbana, trata-se da crítica social mais comentada dos últimos

15 anos, quando a onda da corrupção no país, a canção “Que País é Esse?” (1987), ela traz em sua letra o estado atual da política brasileira. A terceira pertence à chamada “Geração Nordeste”, (fenômeno da década de 1970 no qual aconteceu uma explosão de talentos nordestinos, seja a partir de apadrinhamento de Luiz Gonzaga, ou do Grupo Pessoal do Ceará, a partir do qual se disseminaram vários talentos cearenses na Música Popular Brasileira). Trata-se da antológica “Nordeste Independente” (ou “Imagine o Brasil”), que foi gravada ao vivo por Elba Ramalho em 1983, porém só veio ao público em 1984.

A educação brasileira se usa de muitos artifícios para repassar os conhecimentos aos alunos. Um dos muitos desses recursos é a utilização da música em sala de aula. Pelo simples uso de letras bem construídas e com direito a transmissão de uma mensagem social implícita ou explícita. Ao longo da história, a Música Popular Brasileira, (porção dita de elite) nem tanto se preocupou com tal objetivo, porém uma outra porção dela lutava também por direitos de cidadão, tais como *contra a ditadura militar*, por *direitos de saúde*, por mais *cidadania* e *ética*, enfim, por muita coisa que andava errada no Brasil. Muitas delas se transformaram em símbolos da luta armada e das manifestações populares brasileiras. Mas poucas delas conseguem transmitir mensagens de cidadania, a ponto de serem usadas como artifício pedagógico, como as verdadeiramente populares das quais analisaremos três exemplos aqui. Nos apoiamos, para dar vazão aos pensamentos aqui aplicados, no arcabouço teórico de alguns autores voltados à educação, tais como BRANDÃO (1981); e usaremos como um dos pontos de norteamento o pensador da teoria do pensamento complexo, MORIN (2005).

Rápido Conceito De Cultura

Para Cuche (2004, p. 35), a noção de cultura vem desde os tempos de Tylor e perpassa os nossos dias com Levi-Strauss. Na visão de Tylor, afirma Cuche (Idem), a cultura seria “o *apanhado*

complexo de conhecimentos, arte, costumes, direitos e outros hábitos adquiridos pelo homem enquanto membro da sociedade”. De fato, segundo Laraia (2006), condiciona a visão de mundo do homem. O sociólogo francês Edgar Morin, em um de seus livros, nos mostra um pormenor do sentido de sermos seres culturais e porque quando nos aproximamos de culturas diferentes, ficamos como que do lado de fora do círculo:

qualquer que seja a cultura, o ser humano produz duas linguagens a partir de sua língua: uma racional, empírica, prática, técnica; outra simbólica, mítica, mágica. A primeira tende a precisar, denotar, definir, apoia-se sobre a lógica e ensaia objetivar o que ela mesma expressa. A segunda utiliza mais a conotação, a analogia, a metáfora, ou seja, [...] ensaia traduzir a verdade da subjetividade. (MORIN, 2005, p. 35)

Assim também na sala de aula, a cultura é manifestada de acordo com os conhecimentos e a linguagem construída pelos alunos. As linguagens da educação são apreendidas à medida em que os conhecimentos se vão instalando nas mentes moldadas pelos professores. Resumindo, a cultura é simplesmente o conjunto de hábitos, costumes. O conjunto de elementos que de certa forma, caracterizam uma sociedade e a tornam cada vez mais subjetivas em relação às outras.

Temas Sociológicos na MPB

Até Abril de 1964, nunca o Brasil tenha talvez vivido em conexão tão absoluta com a realidade e com a política de seu país. Com a instauração do golpe militar, muitos compositores se puseram a compor para por trás de versos que para muitos poderiam ser dores de cotovelo de realidades utópicas e paraísos democráticos, porém quando foram fundados os SCDP's¹ em todo o Brasil, o Brasil conheceu além da palavra “*ditadura*” a palavra “*censura*”.

¹ SCDP: Serviço de Censura das Diversões Públicas. In: Marcelo e Rodrigues, 2012. p.243.

A primeira música que vamos analisar foi primeiramente composta em 1978 pelo baiano Lúcio Barbosa e já foi interpretada por: a) Zé Geraldo; b) Roberto Merli; c) Luiz Gonzaga; d) Zé Ramalho², em diferentes contextos e em diferentes épocas. Esta canção invadiu a sala de aula pela sua letra provocativa e ao mesmo tempo realista. Sua letra carrega uma forte crítica aos nordestinos que migraram para o sudeste e sul nos anos 1950/1960/1970. Segundo não ensina a história do Brasil, os nordestinos foram os muitos responsáveis pela construção dos prédios da atual capital do Estado, Brasília e que nem sequer poderia frequentar as obras que eles mesmos construíram. Também pelo fato de que o compositor quis homenagear seu tio que edificou muitos prédios, porém nunca teve casa própria.

Cidadão

Lúcio Barbosa

Tá Vendo aquele edifício, moço? / Ajudei a levantar
Foi um tempo de aflição/ Eram quatro condução
Duas pra ir, duas pra voltar
Hoje depois dele pronto / Olho pra cima e fico tonto
Mas me chega um cidadão / E me diz desconfiado,
“tu tá aí admirado / Ou tá querendo roubar?”

[...]

E pra aumentar o meu tédio

Eu nem posso olhar pro prédio / Que eu ajudei a fazer

Tá vendo aquele colégio moço? / Eu também trabalhei lá
Lá eu quase me arrebento / Pus a massa, fiz cimento
Ajudei a rebocar / Minha filha inocente
Vem pra mim toda contente / “Pai vou me matricular”
Mas me diz um cidadão / “Criança de pé no chão
Aqui não pode estudar”

² a) In: GERALDO, Zé. *Terceiro Mundo*. Epic/CBS, 1979. b) EDIÇÕES PAULINAS (org.). *As Comunidades Celebram o Trabalho*. Comep, 1990. c) GONZAGA, Luiz. *Aquarela Nordestina*. Copacabana/EMI, 1989. d) RAMALHO, Zé. *Frevoador*. Columbia/Sony Music. 1992.

*Esta dor doeu mais forte / Por que que eu deixei o norte?
Eu me pus a me dizer / Lá a seca castigava
Mas o pouco que eu plantava / Tinha direito a comer
[...]*

O trocadilho ao negritarmos a palavra **cidadão** durante a leitura se deve ao fato de que real cidadão se está falando? O que construiu e levantou a cidade grande ou ao que se utiliza delas? A utilização em sala de aula evoca os conceitos estratégicos da cultura e da ética. Os professores que a utilizam passam a intenção do autor em retratar a crítica social por trás da formação que fica nos alunos, uma lição de moral e cívica sobre os anos do governo JK, pré-golpe, e o que aconteceu após o golpe de 1964 para os desprovidos de recursos no sudeste.

A canção é emblemática no que diz respeito ao seu uso pedagógico, ela antena nos alunos que num país como o Brasil, a ética está cada vez menos fazendo parte de sua formação. A letra também mostra o preconceito que se instala até mesmo entre os conterrâneos, no trecho “*tu taí admirado ou tá querendo roubar?*”, denotando que instilado neles pode estar aquela semente de preconceito para com os diferentes financeiramente falando, conceito este exemplificado em Barreto (1998, p. 19-21) sobre o exemplo da galinha.

A segunda canção que analisaremos será a canção “Que País é Esse?”, lançada em 1987 pela banda **Legião Urbana** em disco homônimo. Composta pelo líder da banda, o cantor carioca Renato Russo, a letra se assemelha muito à canção “Perfeição”, lançada em 19 que também é da mesma banda e carrega uma mensagem de crítica social bem mais pesada. Demos uma olhada na letra:

Que País é Esse?

Renato Russo

*Nas favelas, no Senado / Sujeira pra todo lado
Ninguém respeita a Constituição
Mas todos acreditam no futuro da nação*

Que país é esse? / Que país é esse? / Que país é esse?

*No Amazonas, no Araguaia iá, iá, / Na baixada fluminense
Mato grosso, Minas Gerais e no / Nordeste tudo em paz
Na morte o meu descanso, mas o sangue anda solto
Manchando os papeis e documentos fieis
Ao descanso do patrão*

*Terceiro mundo, se foi / Piada no exterior
Mas o Brasil vai ficar rico / Vamos faturar um milhão
Quando vendermos todas as almas
Dos nossos índios num leilão*

A canção traz em sua letra o germe da revolução. Para a sala de aula, os temas trabalhados, tais como a construção da cidadania e pegando carona na onda das revoluções que estão acontecendo, a letra nos dá um panorama da insatisfação do país com o seu governo. Para alunos de ensino fundamental, a letra denota mesmo o descontentamento, no ensino médio, revolta e para os de ensino superior, coragem de lutar nas ruas. A construção da ética em sala de aula é uma simples instilação de valores políticos, que assimilados pelos alunos, reforçará uma boa técnica de aprendizagem.

A terceira letra que analisaremos é destinada ao Ensino Médio. Gravada em 1983, por Elba Ramalho, em sua turnê “Coração Brasileiro” e quando lançada em Lp em 1984, vetada para audição, é um bom exemplo de discussão de política e de arte popular. No contexto da ditadura militar, era censurado quase tudo e se deixava à venda apenas o que parecia bobo, quando não se vetava a venda, um grande adesivo lacrava os discos para impedir audição até nas lojas. Composta pelo cantador Ivanildo Vila Nova e pelo escritor Bráulio Tavares em uma conversa de mesa de bar, a canção Nordeste Independente traz em si as raízes da política e um devaneio³ poético acerca das criações dos repentistas e poetas populares:

³ Para Bachelard (1996, p. 5), o devaneio poético é o acesso a um sonho, uma fantasia, de onde o poeta, pela intencionalidade do seu pensamento, que a alma do poeta encontra a porta para a verdadeira poesia. A consciência poética deve registrar o fato.

Nordeste Independente

Ivanildo Vila Nova / Bráulio Tavares

Já que existe no sul esse conceito
Que o nordeste é ruim, seco e ingrato
Já que existe a separação de fato, é preciso torná-la de di-
reito
Quando um dia qualquer isso for feito
Todos dois vão lucrar imensamente
Começando uma vida diferente
da que a gente até hoje tem vivido

Imagine o Brasil ser dividido e o nordeste ficar indepen- dente!

Dividido a partir de Salvador, o nordeste seria outro país
Vigoroso, leal, rico e feliz, sem dever a ninguém no exterior
Jangadeiro seria o senador o cassaco de roça era o suplente
Cantador de viola o presidente, o vaqueiro era o líder do
partido

Em Recife o distrito industrial, o idioma ia ser nordestinense
A bandeira de renda cearense, "Asa Branca" era o hino na-
cional
O folheto era símbolo oficial, a moeda, o tostão de antiga-
mente
Conselheiro seria o inconfiante, Lampião, o herói inesquecido

O Brasil ia ter de importar, do nordeste algodão, cana, caju
Carnaúba, laranja, babaçu, abacaxi e o sal de cozinhar
O arroz, o agave do lugar, o petróleo, a cebola, o aguardente
O nordeste é auto-suficiente, o seu lucro seria garantido

Se isso aí se tornar realidade e alguém do Brasil nos visitar
Nesse nosso país vai encontrar, confiança, respeito e amizade
Tem o pão repartido na metade,
Tem o prato na mesa, a cama quente
Brasileiro será irmão da gente, vai pra lá que será bem
recebido

Eu não quero, com isso, que vocês
Imaginem que eu tento ser grosseiro
Pois se lembrem que o povo brasileiro
É amigo do povo português. Se um dia a separação se fez
Todos os dois se respeitam no presente
Se isso aí já deu certo antigamente
Nesse exemplo concreto e conhecido

Como dito antes, a letra explora conceitos de identidade e de cultura propriamente ditos. Para Bauman (2005, p. 54-55), a identidade é um processo como um quebra-cabeça, que para se chegar à imagem final, usam-se as peças que já estão à frente e então, se tenta agrupá-las para chegar à imagem final. O devaneio poético da composição se deve a um processo de métrica e de composição acertado entre os dois cantadores. De acordo com Sautchuk (2009, p. 30), quando a maior parte dos versos terminam com a mesma dupla de frases, a obra é chamada de “mote” e pode ser classificada de diversas maneiras. A canção evoca a radicalidade e exaltação dos valores nordestinos, podendo ser usada como estratégia pedagógica para estudos sociais e compreensão acerca da corrupção do governo. Claro que alguns pedaços da letra necessitam de uma atualização, mas nada que tire o brilho da canção.

Conclusão

Em questão de cultura, desde sempre, a música foi aliada da sala de aula, e como demonstrou os resultados, ainda existem muitas composições elaboradas para serem exploradas em sala de aula, e como tais, todas elas podem contribuir para construir valores, como cidadania, ética, moral, caráter político, a educação em si. Durante as décadas de 1960 e 1970, a música deixou de ser apenas um meio e recurso de entretenimento para servir aos poetas de protesto como código codificado para convocação de revoltas e como se não bastasse, ainda conseguiu às vezes desempenhar bem

esse trabalho, porque em muitas vezes, a censura ainda chegava a descobrir os planos por trás de uma letra muito bem cifrada.

Em sala de aula, a música se fez estratégia para discussão de relações sociais e de política, de modo que muitos alunos podem começar a discutir e exteriorizar seus primeiros pontos de vista a partir de letras de músicas que ouviram. A música também possui seu papel “*influência*”. Ela consegue convencer, de modo que a estratégia usada em sala de aula é mais do que simplesmente exibir sonoramente ao aluno uma opinião ou um grito de desespero, é apresentar ao aluno todo um mundo que futuramente poderá ser explorado em toda a sua plenitude e poderá fazer parte do mundo deste aluno. A música é uma inspiração poética, de cunho de entretenimento, de uso político, de criação comercial e de interpretação imortalizadora ao artista. Enfim, a música é um portal para a compreensão pedagógica, histórica e política do nosso país.

Referências Bibliográficas

- BACHELARD, Gaston. *A Poética do Devaneio*. São Paulo. Martins Fontes, 1996.
- BARRETO, Vera. *Paulo Freire para Educadores*. São Paulo. Arte-Ciência, 1998.
- BAUMAN, Zygmunt. *Identidade*. Rio de Janeiro. Zahar, 2002.
- BRANDÃO, Carlos Rodrigues. *O Que é Educação*. São Paulo. Brasiliense, 1981.
- CUCHE, Denys. *A Noção de Cultura em Ciências Sociais*. Bauru. Edusc, 2004.
- MORIN, Edgar. *Amor, Poesia e Sabedoria*. 7 ed. Rio de Janeiro. Bertrand Brasil: 2005.
- RODRIGUES, Rosaldo. MARCELO, Carlos. *O Fole Roncou*. Rio de Janeiro. Zahar, 2012.